

A BÍBLIA

SALMOS



INTRODUÇÃO AOS SALMOS

Na tradição cristã, o livro das orações do antigo Israel, de Jesus de Nazaré e da Igreja recebeu o nome de Salmos, palavra grega usada para traduzir o termo hebraico mais presente nos títulos colocados acima de diversas orações (ver, por exemplo, *mizmor* em Sl 3,1). O termo indica uma oração em forma de recitação poética, ou seja, cantada com o acompanhamento de instrumentos de cordas. A expressão grega *Saltério*, também utilizada pelos cristãos para o conjunto dos Salmos, refere-se ao instrumento musical lira. O povo judeu, no entanto, chama o livro dos Salmos de louvores (heb.: *tehilim*), pois as muitas orações (Sl 72,20) em forma de lamentações, preces e súplicas irão resultar em um louvor múltiplo (Sl 150,6).

A numeração dos Salmos varia de acordo com suas antigas edições. A regra básica é de que o número maior sempre se refere à Bíblia Hebraica. A Septuaginta, tradução grega das Sagradas Escrituras de Israel, estabeleceu uma numeração diferente, sendo nisso seguida pela Vulgata, tradução latina do Antigo Testamento:

Texto hebraico	Traduções grega e latina
Salmos 1–8	Salmos 1–8
Salmos 9–10	Salmo 9
Salmos 11–113	Salmos 10–112
Salmos 114–115	Salmo 113
Salmo 116,1–9	Salmo 114

Salmo 116,10–19	Salmo 115
Salmos 117–146	Salmos 116–145
Salmo 147,1–11	Salmo 146
Salmo 147,12–20	Salmo 147
Salmos 148–150	Salmos 148–150

O livro dos Salmos revela elementos que indicam ser a obra organizada literariamente. Podem ser observadas quatro fórmulas doxológicas (Sl 41,14; 72,18–19; 89,53; 106,48) que, sem terem ligação direta com as orações das quais literariamente fazem parte, dividem o livro dos Salmos em cinco grandes partes, formando uma estrutura paralela ao Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônimo). Dessa forma, a tradição judaica compreende os Salmos como resposta que Israel dá à proposta feita na Torá. Além disso, observando os títulos dos Salmos, percebe-se a formação de grupos de orações. Cinco coleções são atribuídas a Davi (Sl 3–41; 51–72; 101–103; 108–110; 138–145). Doze Salmos (Sl 50; 73–83), voltados sobretudo à leitura teológica da história de Israel, são ligados a Asaf. Outros doze (Sl 42–49; 84–85; 87–88), com foco na importância teológica de Sião, são atribuídos aos filhos de Coré. Quinze Salmos formam um conjunto chamado Cantos das subidas (Sl 120–134), como orações provavelmente relacionadas às festas de peregrinação, quando o povo se deslocava até Je-

rusalém. Vale lembrar também o Halel Egípcio (Sl 113–118). Os dois primeiros Salmos (Sl 1–2) e os cinco últimos (Sl 146–150) estabelecem uma moldura em torno de toda a composição literária do livro.

Os Salmos podem ser classificados de acordo com determinados gêneros literários. Existem hinos, com os elementos característicos de um apelo, que convidam os ouvintes-leitores ao louvor, sendo depois apresentada a justificativa do louvor. Além disso, há lamentações individuais e coletivas, as quais apresentam uma invocação (muitas vezes com a menção do nome de Deus), a descrição do sofrimento (por vezes acompanhada de perguntas sobre a origem do mal) e a formulação da prece ou súplica; é possível que declarações de confiança ou promessas de louvor acompanhem as lamentações. As lamentações correspondem os cantos de ação de graça, nos quais se narra, sobretudo, como Deus salvou o fiel ou a comunidade dos fiéis, suscitando nos últimos o agradecimento. Além disso, certas temáticas – por exemplo, a realeza do Senhor, a figura messiânica do rei de Israel, Sião, a história do povo de Deus ou a proposta de vida oriunda da sabedoria – dão origem à formação de paralelismos e, com isso, de grupos de textos no livro dos Salmos.

Quanto ao conteúdo, certas convicções e esperanças norteiam o conjunto dos cento e cinquenta poemas contidos no livro dos Salmos.

Destaca-se a superioridade e a soberania do Deus de Israel. Contudo, se de um lado Deus é insondável, do outro a história se torna espaço e cenário da relação entre o Senhor e seu povo eleito, visto que esse relacionamento quer servir de experiência exemplar para a humanidade inteira. Sobretudo, o evento do êxodo e a transformação dessa experiência de libertação em um projeto jurídico são oferecidos como modelo de fé e comportamento para todas as gerações. Com o êxodo, Deus revelou sua justiça. O Senhor, Deus de Israel, é por excelência aquele que se propõe fazer justiça a quem está sendo injustiçado. Isso, por sua vez, traz consequências para a vida cotidiana do fiel. Em especial, ao refletir sobre a estrutura do mundo e sobre a experiência do sofrimento e da morte, assim como sobre a possibilidade de encontrar a felicidade na vida, o homem se pergunta a respeito da existência de uma ordem divina, capaz de guiar quem procura orientação.

O texto aqui apresentado traz uma tradução dos Salmos segundo a Bíblia Hebraica. Prevaleceu, com isso, o princípio da fidelidade ao texto provavelmente mais original, mesmo que este, com suas dificuldades textuais em relação à forma e ao conteúdo, exija do ouvinte-leitor mais do que boa parte das traduções antigas e modernas exige. Para amparar os leitores, notas de rodapé mais extensas se propõem acompanhar, estrofe por estrofe, a lógica interna do que está sendo pensado

em cada Salmo. Essas explicações se baseiam num diálogo com os estudos exegeticos mais atuais. Em especial, vale lembrar os estudos amplos de Erich Zenger (†) e Frank-Lothar Hossfeld (†), biblistas alemães (Die Psalmen I; Psalm 1–50. Würzburg: Echter, 1993; Psalmen 51–100. 2. ed. Freiburg: Herder, 2000; Psalmen 101–150. Freiburg: Herder, 2008).

Além disso, é importante lembrar que os Salmos são textos poeticamente compostos. Os discursos diretos trabalham, em diversos momentos, com assíndetos, ou seja, sem conjunções ou conectivos explícitos. Multiplicam-se as imagens metafóricas, bem como expressões artísticas e arcaizantes. Repetições, sequências incomuns de palavras e frases, mas também figuras descritivas, ocupam os versos. A alternância de discursos nem sempre deixa claro quem os enuncia: ora se fala sobre alguém (ele/eles, terceira pessoa), ora se fala diretamente a este alguém (tu/vós, segunda pessoa), exigindo grande atenção para acompanhar as rápidas mudanças de pessoa e perspecti-

va (Sl 23). Além disso, as estrofes dos poemas são de tamanho irregular. Em vez de usar a rima, a poesia hebraica trabalha com diversos tipos de paralelismos. Poéticos, com sua linguagem enfática fundamentada nos paralelismos, nas metáforas e, sobretudo, no diálogo dramático, os Salmos parecem corresponder à experiência de fé que o orante é convidado a fazer, haja vista esta envolver as experiências do dia a dia em sua conversa com Deus.

Jesus de Nazaré acolheu os Salmos como orações em sua vida, especialmente nas controvérsias e durante sua paixão. Com dezenas de trechos diretamente mencionados nos escritos do Novo Testamento – alguns deles em diversos lugares –, o livro dos Salmos é o escrito veterotestamentário mais citado pelos autores neotestamentários. Além disso, existem centenas de alusões aos Salmos no Novo Testamento. Consequentemente, os Salmos se tornaram também a oração dos cristãos e da Igreja, fazendo parte da herança religiosa que originalmente pertence ao povo judeu.

SALMO 1

1 Feliz o homem que não andou conforme o plano dos perversos, não se colocou de pé no caminho dos pecadores e não se sentou no assento dos zombadores.

2 Pelo contrário, seu apreço é pela instrução do SENHOR; dia e noite sussurra a instrução dele.

3 Será como uma árvore plantada junto a canais de água, que dá seu fruto a seu tempo e cuja folhagem não murcha. Tudo o que faz terá êxito.

4 Não são assim os perversos; pelo contrário, são como o debulho que o vento dispersa.

5 Por isso, os perversos não se levantarão no julgamento, nem os pecadores na comunidade dos justos.

6 Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos; o caminho dos perversos, porém, perecerá.

1,1-3 Na primeira parte do poema, um homem é felicitado porque resistiu aos perversos – pessoas que “tramam contra o justo [...], a fim de fazer cair o oprimido e pobre” (Sl 37,12.14) –, aos pecadores – pessoas que insistem em pensamentos e atos opostos à ordem divina – e aos zombadores – pessoas arrogantes (Pr 21,24), responsáveis por “rixas, litígios e humilhações que agitam a cidade” (Pr 22,10; 29,8). O homem feliz soube dizer “não” a todos eles, acolhendo e meditando em voz baixa a instrução do Senhor presente na Torá, que é chamada também de Pentateuco. Assim, tornou-se produtivo, sempre jovem e bem-sucedido em todos os seus empreendimentos.

1,4-5 Os ventos da história se encarregam de dispersar os perversos e pecadores. Com isso, surgem assembleias formadas somente por justos, capazes de promover com seus julgamentos uma convivência mais igualitária e fraterna entre as pessoas.

1,6 A sobrevivência dos justos somente é possível porque o Senhor está ao lado deles. O homem que, no início da oração, se opôs sozinho a uma multidão de maldosos – ver as sete menções dos perversos (vv. 1b.4a.5a.6b), pecadores (vv. 1c.5b) e zombadores (v. 1d) – encontra-se, no final, integrado à comunidade dos justos.

SALMO 2

- 1** Por que as nações ficam inquietas
e os gentios sussurram em vão?
- 2** Os reis da terra se posicionam
e os dignitários conspiram juntamente
contra o SENHOR e seu unguído:
- 3** “Rompamos suas amarras
e arremessemos de nós suas cordas!”
- 4** Ri quem está sentado nos céus,
o Senhor escarnece deles.
- 5** Depois lhes falará em sua ira
e com seu ardor os assustará:
- 6** “Eu mesmo consagrei meu rei sobre Sião,
o monte de minha santidade!”
- 7** Vou proclamar a prescrição do SENHOR,
que me disse: “Tu és meu filho,
hoje eu te gerei!
- 8** Pede-me e te darei as nações como herança,
os confins da terra como tua propriedade!
- 9** Com um cetro de ferro as despedaçarás;
como o vaso de um oleiro as quebrarás”.

2,1-3 Na primeira estrofe, o orante imagina uma revolta dos povos não israelitas contra o Senhor e seu unguído. Este último é o rei de Israel, consagrado pelo Senhor (v. 6) e aclamado como seu filho (vv. 7,12). Como instrumento nas mãos de Deus, sua tarefa consiste na promoção da ordem divina no mundo. Em especial, deve aprender o temor ao Senhor, seu Deus, e observar as palavras da Torá (Dt 17,19), uma instrução capaz de promover tanto a liberdade dos oprimidos quanto uma convivência mais igualitária, com base no respeito à dignidade e à sobrevivência de todos. Contudo, justamente esse projeto de Deus é avaliado pelos reis da terra como algo que os aprisiona. Por isso, a intenção deles é ficar livres dessa ordem (v. 3).

2,4-6 Na segunda estrofe, ocorre uma mudança de lugar. Imagina-se a reação do Senhor que está nos céus. Seu escárnio e riso revelam sua soberania; ira e ardor transmitem a paixão com que ele defende sua ordem, seu rei e Sião como seu lugar escolhido. Enfim, sua palavra (v. 6) se opõe à palavra de todas as autoridades que conspiraram contra ele e seu unguído.

2,7-9 De volta a Sião, o rei messiânico apresenta um discurso semelhante ao dos protocolos cerimoniais de entronização no Antigo Oriente (2Rs 11,12). Três promessas acompanham o novo rei: sua filiação divina (v. 7b), a entrega a ele de toda a terra como propriedade (v. 8) e seu domínio total sobre as nações (v. 9). No entanto, será na dependência da palavra do Senhor que o rei exercerá sua autoridade.

10 E agora, ó reis, percebei!
Deixai-vos corrigir, ó juízes da terra!
11 Servi ao SENHOR com temor
e exultai com tremor!
12 Beijai o filho,
para que não se irrite
e pereçais no caminho,
pois sua ira pode acender-se num instante!
Felizes todos aqueles que nele se abrigam!

2,10-12 Em vez de exercer seu governo de forma violenta, o ungido do Senhor dirige, na quarta estrofe, um apelo aos reis e juízes rebeldes. Convida-os a acertarem seu caminho, deixando-se instruir. Para isso,

porém, precisam conhecer a instrução, ou seja, a Torá (Js 1,7-8). Assim tomarão conhecimento da ordem prevista por Deus para o mundo e, servindo ao Senhor, poderão evitar que pereçam.